

A velha senhora volta às carteiras: estratégia de inflação triplica na Vinci

Em 12 meses, os dois principais fundos com tese de retorno real aceleraram captação e ganhos

Por **Maria Luíza Filgueiras** — São Paulo

13/04/2021 14h13 · Atualizado há uma hora

O investidor tem vivido uma sensação de déjà-vu nos últimos meses – depois de tanto tempo sem olhar para a inflação como estratégia (ou risco a ela), o repique de preços fez o assunto ganhar espaço na gestão de carteira. “Passamos por um período no mundo e no Brasil em que isso deixou de ser problema, mas a velha senhora vem mostrando a cara nos últimos seis meses”, diz André Simões, chefe de soluções de investimento da Vinci.

Com a perspectiva de retomada da economia após a vacinação, o consumo concentrado em alguns itens, dependentes de clima e safra, e a injeção de capital público, o IPCA e o IGPM já vão subindo como pipa. Com juros também baixos, o ganho real voltou a ser um desafio.



Menu

Buscar

Mercado



Os dois principais fundos da Vinci com tese de retorno real aceleraram captação — Foto: Pixabay

“O IBC-BR está no nível pré-covid, assim como a demanda em alguns outros países. Temos um cenário em que os bancos centrais usaram o juro baixo para ajudar a economia e os governos injetaram capital, o que vira inflação maior no segundo momento”, diz Fernando Lovisotto, chefe de investimentos da Vinci. “Ficou meio fora de moda falar de inflação nos últimos cinco, seis anos, para gerar dinheiro.”

A Vinci viu triplicar, em um ano, o volume de patrimônio nos dois principais fundos que se concentram na estratégia de índice de preços. O multimercado Valorem, criado em 2012, tinha um PL de R\$ 1 bilhão há 12 meses e hoje está com R\$ 3 bilhões. O Equilíbrio, de previdência, foi estruturado em 2014 e passou de R\$ 500 milhões para R\$ 2 bilhões. Mais recentemente, a casa lançou outro multimercado, o Retorno Real, que também segue essa estratégia como o nome já diz.

“Usamos todos os instrumentos líquidos para gerar esse retorno real, com títulos públicos indexados à inflação e FIPs listados, que é uma categoria que vem crescendo. Fundos imobiliários e ligados a infraestrutura têm contratos indexados pela inflação, como linhas de transmissão, galpões logísticos, que funcionam bem na composição de portfólio”, diz Simões.

Lovisotto emenda que, se o investidor faz a gestão de duration diretamente nos títulos, cai na maior alíquota de tributação, enquanto dentro do fundo o gestor consegue otimizar esse spread. “Temos uma estratégia mais tática de alocação com essas três famílias de fundos, com diferentes graus de duration”, diz.

Menu

Buscar

Mercado

fração do seu salário de hoje que vai ser 100% da sua renda daqui a 20 ou 30 anos. Essa conta só fecha com retorno real”, diz Simões.



Lovisotto, CIO da Vinci: juro nominal baixo e inflação alta desafiam rentabilidade real — Foto: Reprodução

Como câmbio também tem tido impacto relevante na inflação – e na política monetária do BC e do Copom – ele também entra nas carteiras, com aplicações no exterior ou aplicação direta na moeda. No ano passado, o Valorem tinha 20% da posição comprada em dólares; com o patamar já alto da moeda americana, foi reduzindo até 4%.

A estratégia não é nova na Vinci, mas ganhou tração no cenário atual. “Desde 2012 temos produtos mais específicos para a obtenção de juro real, mas esse assunto chama mais atenção dos investidores no cenário atual. O Brasil sempre teve juros nominal garantido o retorno real, mas hoje eles pararam de se falar e a gestão toma outra dimensão”, diz o CIO da Vinci. “Hoje estamos falando de juro real 2% negativo que, com o ciclo de alta da Selic, vai convergir para perto de zero ou quicar para 1%”.